



Title	Um olhar sobre aqueles que partiram : reflexões sobre a emigração japonesa para o Brasil no Japão
Author(s)	Magalhães, Torres Fernanda
Citation	ブラジル研究. 2009, 5, p. 49-66
Version Type	VoR
URL	https://doi.org/10.18910/106451
rights	
Note	

The University of Osaka Institutional Knowledge Archive : OUKA

<https://ir.library.osaka-u.ac.jp/>

The University of Osaka

Um olhar sobre aqueles que partiram: reflexões sobre a emigração japonesa para o Brasil no Japão.

Fernanda Torres Magalhães

*Na terra
Não tem minha família
Não tem minha casa
Não tem minha história
Só tem minha esperança*

この土地には
私の家族はいない
私の家はない
私の歩んだ道はない
ただひとつ希望がある
(Aya Fujiwara)

Desde o momento que os portugueses aportaram em terras brasileiras no ano de 1500, imagens e representações a respeito do “novo mundo” foram sendo criadas. São inúmeros os registros de viajantes e cronistas, que não titubeavam em registrar, seja em forma de cartas, narrativas ou relatos, as suas impressões particulares sobre a exótica terra nos trópicos.

Esses relatos constituem uma interessante e rica fonte de informações a respeito daquilo que podemos chamar de “primórdios” da relação e contato do “novo mundo” com o “velho mundo”. São esses relatos e crônicas de viagens que foram responsáveis durante um certo período, pela construção de um imaginário a respeito da “Terra Brasilis”.

No século 16, os temas abordados pelos cronistas nas suas narrativas sobre o Brasil, eram na sua maioria relativos à grandiosidade da natureza, animais selvagens e o exotismo da gente que ali habitava.

Um dos principais documentos da história brasileira – chamada por alguns de “certidão de nascimento do Brasil” – é a carta escrita pelo escrivão que acompanhou Pedro Álvares Cabral na sua armada que “achou” o Brasil. Pero Vaz de Caminha ao escrever ao rei português Manuel I, inaugurou no Brasil um estilo caracterizado como “literatura de viagem”. Em sua extensa carta, Caminha fez um relato detalhado do primeiro contato com os nativos da terra, o modo como estes andavam nus “sem cobrir suas vergonhas”, a alimentação, a paisagem. As intenções de exploração e colonização são observadas nesses trechos da carta:

"[...] até agora não pudemos saber que há ouro, nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lho vimos. Porém, a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados, como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo de agora os achamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem."

"[...] Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar".

Um outro importante cronista português, o padre jesuíta Fernão Cardim, escreveu cartas e tratados, elaborados ao longo da década de 1580, quando esteve no Brasil pela primeira vez. A riqueza de detalhes é notável.

"O clima do Brasil geralmente é de bons, delicados e salutíferos ares, donde homens vivem até noventa, cento e mais anos; geralmente não tem frios, nem calores, ainda que no Rio de Janeiro até São Vicente há frios e calores, mas não muito grandes. Os céus são muito puros e claros, principalmente à noite. O inverno começa em março e acaba em agosto, o verão começa em

setembro e acaba em fevereiro”. (Tratados da Terra e Gente do Brasil)

“Neste Brasil há arvoredos em que se acham árvores de notável grossura, e comprimento, de que se fazem mui grandes canoas, de largura de 7 e 8 palmos de vão, e de comprimento de cinqüenta e mais palmos, que carregam como uma grande barca, e levam 20 e 30 remeiros; também se fazem mui grandes gangorras para os engenhos. Há muitos paus como incorruptíveis que metidos na terra não apodrecem, e outros metidos n’água cada vez são mais verdes, e rijos. Há pau santo, de umas águas brancas de que se fazem leitões muito ricos, e formosos. Pau do Brasil, de que se faz tinta vermelha, e outras madeiras de várias cores, de que se fazem tintas muito estimadas, e todas as obras de torno e marcenaria. Há paus de cheiro, como o Jacarandá, e outros de muito preço e estima. Acham-se sândalos brancos em quantidade. Pau daquela em grande abundância que se fazem navios dele, cedros, pau’angelim, e árvore de noz-moscada; e ainda que estas madeiras sejam tão finas, e de tão grande cheiro como as da Índia, todavia falta-lhes pouco, e são de grande preço, e estima.” (Tratados da Terra e Gente do Brasil)

Também interessante é este trecho escrito pelo mercenário alemão Hans Staden, que fez duas viagens ao Brasil no século 16. Tal experiência resultou no livro “Warhaftige Historia und Beschreibung eyner Landtschafft der wilden, nacketen, grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen” publicado em 1557 na Alemanha. Além dos temas comuns encontrados nas literaturas de viagens - como por exemplo os exóticos costumes dos indígenas - faz também menção ao clima dos trópicos, como pode ser visto nesse trecho de sua obra, com seu título traduzido para o português como “Duas Viagens ao Brasil”:

“o país do Brasil está em parte entre os dois trópicos [...] a gente anda nua e em estação nenhuma do ano faz tanto frio como aqui em Michaelis, mas a parte da terra mais ao sul do Capricórnio é um pouco mais fria” (Duas viagens ao Brasil).

No século 19, viagens e expedições científicas estrangeiras rumo ao Brasil eram mais uma forma de observar e analisar o “outro”. O Brasil, nesse momento, já não era tão estranho e desconhecido, mas ainda era exótico. Artistas, cientistas, observavam e registravam tudo o que viam. O francês Jean-Baptiste Debret com as gravuras do seu *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* (1834-1839), e o alemão Johann Moritz Rugendas com *Voyage Pittoresque dans le Brésil* (1835) são os exemplos mais explorados, com suas gravuras e desenhos a respeito dos costumes da população no Brasil, da fauna e da flora nativa. Ainda hoje tais imagens são discutidas como representações européias dos trópicos.

Mas não podemos pensar sobre a atração de estrangeiros pelo Brasil como um episódio ligado apenas ao período das grandes navegações e descobertas e das expedições científicas. No final do século 19, o governo brasileiro lançou mão dessa pré-estabelecida ideia sobre o paraíso dos trópicos para atrair trabalhadores estrangeiros. O objetivo era estimular a vinda de imigrantes para trabalhar principalmente nas plantações de café, necessários devido à abolição da escravatura, explorando a imagem de prosperidade e fartura, que acabou se transformando numa espécie de “cartão de visitas” do Brasil.

Os primeiros atraídos em massa pelas “benesses” da terra foram os italianos, portugueses e espanhóis¹. Na Itália, a crise econômica aliada à propaganda feita sobre o Brasil, fez com que milhares de italianos deixassem sua terra natal em busca de melhores condições de vida nos trópicos.

Agentes de imigração eram muito bem articulados para fazerem propaganda. Era comum se ouvir que bastava para um italiano aportar no Brasil e “*diventar sior*” (tornar-se senhor). *Andar in Mérica e trovar la cuccagna*, (ir para a América e encontrar o paraíso), eram frases que circulavam entre os italianos sobre as maravilhas dos trópicos. No fim do século 19 e início do 20, mais de 1, 3 milhões imigrantes italianos foram para o Brasil.

A imigração japonesa

Iniciada no início do século 20, a imigração de japoneses tem como marco simbólico a chegada do Kasato Maru no porto de Santos em 18 de junho de 1908. Aqueles pioneiros 781 japoneses que chegaram ao Brasil depois de quase dois meses de viagem, não sabiam que naquele momento entrariam para a história.

Neste ano do centenário da imigração japonesa no Brasil, muito se falou e divulgou sobre o fato nos dois países. Os fatores que levaram os japoneses a trocarem a sua terra natal pelo longínquo e estranhíssimo Brasil se baseiam principalmente no motivo de ordem econômica. No Japão, emigrar significava uma alternativa de fuga da miséria, muito mais do que a busca da prosperidade.

Anteriormente a ida aos trópicos, os japoneses tiveram como destino países como os Estados Unidos, principalmente na ilha do Pacífico, o Havai. Porém, as condições de trabalho nada satisfatórias e empregadores inescrupulosos fizeram com que os japoneses fossem “resgatados” pelo seu próprio governo, fazendo com que fosse criada a Lei de Proteção ao Emigrante², em 1896. Apesar disso, a ida de trabalhadores aos Estados Unidos continuou até quando aquele país muda a sua política imigratória, afetando principalmente os de origem asiática.

A partir de então, países como o Brasil e o Peru tornaram-se populares entre os japoneses³. E a propaganda que se fazia do Brasil no Japão, alimentava mais essa popularidade.

Mas como convencer os japoneses de que ser um imigrante no Brasil seria diferente do fracassado plano de emigração ao estado norte-americano Havai? O fantasma das péssimas condições de trabalho assustava os japoneses, e o temor em encontrar as mesmas condições de trabalho no Brasil era real. Assim, as agências de emigração tiveram um papel importante em alimentar a ideia de que o Brasil seria um lugar ideal para a concretização do sonho de fazer riqueza e voltar ao Japão rapidamente. Tudo isso muito bem alimentado por uma propaganda intensiva sobre as “maravilhas dos trópicos”: um lugar de fartura, temperatura amena, com possibilidades de ganhos rápidos que garantiriam o retorno ao Japão num curto período de tempo.

Num relatório enviado em 1905 pelo então Ministro Plenipotenciário do Japão no Brasil, sr. Sugimura, percebemos que o ministro enxergava o Brasil como uma via para sanar o problema de excedente demográfico no Japão, um dos grandes problemas no início do século 20:

*“Em consequência da suspensão da migração de colonos italianos, o Estado de São Paulo está fazendo face a uma profunda falta de braços. Tanto o governo do Estado de São Paulo como os fazendeiros em geral, estão interessados em receber nossos trabalhadores. Acredito, por conseguinte, que a introdução de nossos imigrantes nesse Estado seria muito mais interessante e preferível a mandar para os Estados Unidos, onde avultam as perseguições. Naturalmente, as despesas de viagem seriam mais dispendiosas em comparação àquele país, devido à grande distância. Felizmente, o governo do Estado de São Paulo se propõe a subvencionar total ou parcialmente a passagem marítima, o que contrabalança, até certo ponto, a citada desvantagem. Proibida a entrada na Austrália, discriminados nos Estados Unidos, perseguidos no Canadá e agora limitados também nas Hawaii e Ilhas do Pacífico, os nossos colonos trabalhadores encontrarão no Estado de São Paulo uma rara felicidade e um verdadeiro paraíso”.*⁴

Nesse momento de incentivo da imigração foi de grande valia os relatos de japoneses responsáveis em fazer propaganda incentivando os japoneses a embarcarem nos navios e enfrentarem quase dois meses de viagem. As “maravilhas dos trópicos” são os temas mais abordados, como pode ser observado neste trecho da carta de Ryo Mizuno, Presidente da Companhia Imperial de Imigração, publicada em 1908 pelo jornal Yomiuri Shimbun.

(...)No interior do Brasil, quase não tem as quatro estações. Como não há mudanças bruscas na temperatura, as frutas e as flores podem florescer sempre. Pode se plantar o ano inteiro! Que paraíso! Realmente pode-se falar que o Brasil é o paraíso do mundo atual. No Brasil, há fartura de warabi. Por causa do clima, eles crescem muito. Os índios não sabem que podem comê-lo e

acabam jogando fora. Se você imigrar para o Brasil, pode comer warabi livremente. No Brasil também tem uma variedade de árvores de boa qualidade. Para nós japoneses, árvores de boa qualidade são muito valiosas. Lá no Brasil, com árvores que poderiam estar fazendo casas, fazem cercas para os animais. Que desperdício! Quem sabe mexer com madeira, é um lugar bom pela quantidade e variedade de árvores”.

A vivência dos imigrantes japoneses no Brasil não foi nada fácil. Assim, tal imagem paradisíaca foi se desmantelando a medida que os japoneses vivenciavam a gama imensa de problemas: barreira linguística, hábito alimentar diversificado, doenças tropicais, péssimas condições de moradia e trabalho. Apesar dos sonhos aos poucos desfeitos, a maioria nunca retornou ao Brasil.

Atualmente, não podemos negar a importância dos japoneses na constituição da cultura brasileira. O japonês e o Japão há um século fazem parte da paisagem brasileira, com suas características únicas e peculiares, herdadas dos imigrantes. Mas, como na História não é fácil encontrar consensos e sim versões, um ponto interessante é saber que no Japão o tema da imigração de japoneses tem também o seu lado polêmico.

O pesquisador e doutor em Antropologia Takeyuki Tsuda, norte-americano de ascendência japonesa, fez uma interessante e importante pesquisa sobre o assunto, publicada no livro *Strangers in the Ethnic Homeland*⁵. O pesquisador acredita que a raiz do preconceito que existe no Japão em relação aos brasileiros descendentes de japoneses está no processo que resultou na ida de milhares de japoneses para o Brasil, ou seja, na emigração.

“Dependendo das atitudes que a sociedade tem em relação à emigração em geral, um considerável estigma social pode ser agregado aqueles que deixaram sua terra natal permanentemente por causa de dificuldades econômicas. Emigração como uma resposta à crise econômica nunca foi culturalmente aprovada no Japão, nem se tornou difundida, apesar dos esforços do governo japonês em promover a emigração, como um meio de solucionar o problema de superpopulação e pobreza”⁶.

Tentando entender como os japoneses de hoje analisam a emigração dos seus compatriotas, o autor colheu alguns depoimentos bastante significativos⁷, como este a seguir:

“Nós japoneses, dizemos ganbare (esforçar-se) e nós não desistimos facilmente. Os japoneses são, originalmente, pessoas de vilarejos. Eles ficam onde eles nasceram e não se mudam. Então, se você abandona e deixa o seu país por causa de problemas, isto não é aprovado. É necessário ficar e dar o melhor de si.” (funcionário da prefeitura municipal de Oizumi)

São vários e diversos depoimentos colhidos pelo antropólogo, que podem ser vistos como “vozes” da sociedade. Tais vozes muitas vezes não são escutadas e também camufladas, mas independente do juízo de valor sobre a opinião pessoal de cada cidadão em particular, são importantes fontes para uma análise do processo como um todo.

E é a partir dessa ideia de ouvir as diversas vozes que compõem um grande “coro”, e no papel que desenvolvo como professora universitária de japoneses que estudam a língua portuguesa e a história do Brasil, resolvi “ouvir” o que os jovens estudantes universitários tinham a dizer sobre o tema.

Pensar a imigração.

Pretenderam retornar para Japão

Agora são brasileiros

日本へと帰るつもりで来たけれど、

今ではみんな ブラジル人

(Yasuko Tsujimoto, 3º ano)

Interessada em analisar a forma como uma parcela da sociedade japonesa “sente” a imigração japonesa – representada aqui pelos estudantes universitários de língua portuguesa - propus um exercício que constaria como atividade curricular no ano letivo de 2008. Nas disciplinas de Conversação para alunos do 2º ano e Cultura Brasileira, para alunos de 3º e 4º ano, os estudantes deveriam escrever – ou em forma de narrativa ficcional ou na forma de poesia livre - suas percepções particulares sobre o chamado “centenário da imigração japonesa no Brasil”. A atividade seria de grande valia, visto que também ajudaria a desenvolver um aspecto da língua portuguesa – a sua forma poética.

O assunto já fora bastante explorado ao longo do ano letivo – tanto pela mídia japonesa como pela brasileira, como também em sala de aula e palestras - sendo que o tema não representava nenhum assunto desconhecido.

Fazendo uma análise dos resultados apresentados, uma parte dos alunos preferiu se limitar a narrar o fato histórico como tal, não acrescentando nenhuma visão particular. Mas houve aqueles trabalhos em que os alunos expuseram pontos de vista, tentando maximizar os pontos que para eles eram mais significativos.

Muitos foram os trabalhos cujos temas norteavam sobre a dificuldade econômica; o difícil contato com uma outra cultura; a vontade de retornar à pátria e a amizade “plantada” entre os dois países.

O primeiro poema aqui apresentado, *Nós vamos ao Brasil*, de uma aluna do 2º ano, mostra um tema recorrente da imigração: o imigrante como aquele que sai em busca de uma melhora de vida.

Nós vamos ao Brasil.

Nós vamos ao Brasil.

Viajamos de navio com desejo.

Determinamos sair da pátria.

Esperamos que esta determinação seja correta.

*Nós vamos ao Brasil.
Para ganhar uma terra rica.
Fazenda de Japão é tão pobre.*

*Nós vamos ao Brasil.
Para achar felicidade.
Por isso podemos aguentar o cansaço.*

*Nós vamos ao Brasil.
Para viver.
Ganhar dinheiro é viver.
(Kyoko Akao, 2º ano)*

O próximo trabalho “O descendente de imigrante” é um criativo texto onde se revela alguns traços da “cultura” popular brasileira – no caso o futebol. O futebol é recorrente como um elemento diferenciador do nikkei brasileiro, como se o futebol o torna-se “mais brasileiro”. O texto consegue em poucas linhas tratar de assuntos pertinentes ao tema imigração: dificuldades dos primeiros imigrantes, a formação familiar no Brasil e o casamento “interracial”; a dificuldade da adaptação do brasileiro nikkei no Japão e por fim, a questão da identidade do nikkei.

O Descendente de Imigrante

Diego Nishida é jogador de futebol. Ele joga futebol como integrante da seleção japonesa agora, mas ele teve dificuldade até que ele se vestisse com o uniforme azul.

Ele nasceu em São Paulo, no Brasil. Ele é sansei, ou seja, os avós dele são japoneses. Eles imigraram para o Brasil separadamente quando eles eram jovens. E se encontraram lá e se casaram. Depois, três crianças nasceram e uma delas é o pai do Diego. Os avós tinham muita dificuldade no Brasil. Primeiro, eles cultivaram os legumes. Mas, naquela época, não havia o costume de comer legumes lá. Por isso, embora eles produzissem muitos legumes, eles não vendiam bem. Por causa disso, a vida deles era dura. O pai do Diego se criou nessa situação e se casou com uma brasileira. E o Diego nasceu.

Quando ele era criança, jogava futebol todos os dias. E quando ele tinha dezesseis anos, foi estudar e jogar futebol no Japão. Mas a vida dele no Japão era mais difícil do que ele tinha imaginado. Primeiro, ele não sabia japonês e não tinha nenhum amigo. Ele não gostava da comida japonesa e ficou muito magro. Mas, ele se acostumou à vida no Japão pouco a pouco. Ele é um jogador maravilhoso e o time ganhou o campeonato. Depois que ele se formou, entrou para o time profissional no Japão.

Ele se naturalizou japonês há dois anos para jogar futebol como o integrante da seleção japonesa. Quando ele vê a bandeira japonesa e canta Hino Nacional Japonês, ele se sente japonês. Ele diz que veio ao Japão do Brasil, mas nunca vai se esquecer do sofrimento dos imigrantes como seus avós.

(Mai Fujishita, 2º ano)

Na próxima narrativa -“O amigo” - estão presentes algumas ideias sobre a dificuldade de adaptação dos japoneses no Brasil e o sofrimento em se desligar da sua terra natal. A aluna usa o pé de café como símbolo da amizade e união entre os dois países.

O amigo

Havia uma família pobre. Seus membros eram pai, mãe e filho. O pai perdeu seu trabalho e a família devia imigrar para Brasil. O filho Jiro odiou e chorou mas finalmente eles imigraram para Brasil. Jiro passava o dia no parque sozinho chorando todos os dias. Um dia um menino brasileiro falou a Jiro. “Por que você está chorando? Venha brincar comigo!” Mas Jiro não pôde entender o que o menino falou e fugiu. Mas o menino falava a Jiro todos os dias. “Vamos plantar a semente e cultivar!” Jiro não entendeu muito mas o seguiu e plantaram juntos. A partir deste dia Jiro e menino regavam todos os dias e cultivaram. Jiro fez-se amistoso e pôde conversar com ele. Depois de um ano a semente cresceu e se tornou num pé de café. Jiro nunca mais chorou. Ele gostava muito do Brasil. “Estou contente por ter vindo aqui e ter encontrado com você” disse Jiro. E Jiro e o menino tornaram-se grandes amigos.

(Rika Matsui, 2º ano)

Este próximo poema também tem como tema o sofrimento de estar numa terra estrangeira. A vontade do retorno e a nostalgia da terra distante são os pontos mais explorados.

Quero voltar

*Eu quero
Eu quero
Eu quero voltar ao Japão
Eu quero voltar para minha casa*

*Há dois anos vim para cá
Para trabalhar aqui*

*Eu quero
Eu quero
Eu quero encontrar o Japão
Eu quero encontrar com minha filha*

*Há dois anos vim para cá
Minha filha ficou no Japão*

*Quantos anos ela tem?
Que altura ela tem?*

*Eu estou com saudade, Japão, minha casa e minha filha
Por que eu me separei dela*

*Quando eu posso ver o Japão?
Quando eu posso abraçar minha filha?
Eu quero
Eu quero
Eu quero voltar para o Japão
Eu quero voltar para minha casa*

*Eu quero
Eu quero*

*Eu quero encontrar com Japão
Eu quero encontrar com minha filha
(Nana Miyazak, 2º ano)*

Neste próximo trabalho o aluno brinca com a famosa lenda japonesa do menino que nasceu de um pêssego, o Momotaro. Nesta criativa narrativa, Momotaro vai ao Brasil e nunca mais retorna ao Japão. A ideia de paraíso está presente, bem como a do Brasil como lugar de diversão.

Momotaro

Antigamente, um velho e uma velha viviam juntos. Certo dia, quando a velha lavava roupa no rio, ela viu um pêssego (nome japonês: momo) grande passar na frente dela. Ela o tirou e levou para casa. Quando o velho cortou o pêssego, um pequeno menino nasceu dentro da fruta. Eles o nomearam “Momotaro” porque o menino nasceu de pêssego.

Naquela época, muitos monstros, que se chamam Oni em japonês, viviam em Onigashima e muita gente tinha medo deles. O velho acreditava que Momotaro pôde eliminá-los da ilha, e pediu-lhe para fazer isso. Ele decidiu eliminá-los e começou sua viagem. Momotaro levou três animais juntos: um macaco, um cachorro, e um faisão. Em 1908, eles partiram do Porto de Kobe de um navio que se chama Kasatomaru para Onigashima. Mas, depois de uns meses, eles encontraram uma terra grande. Chegaram no Brasil!! O Brasil era um paraíso, e eles ficaram lá por uns dias. Divertiram-se nas suas férias no Brasil e as férias lhe tiraram da cabeça que eles deviam eliminar os “Onis”.

*Finalmente, eles decidiram morar no Brasil para sempre, e nunca eliminaram os “Onis” e nem voltaram para o Japão.
(Takuya Okumura, 2º ano)*

Nesta outra, “Bom dia”, que apesar do título positivo, narra as dificuldades do dia-a-dia do imigrante. Mas a esperança de melhora é a mensagem, traduzindo o sentimento geral de perseverança do imigrante japonês.

—Bom dia—

*Ontem, hoje, estou com fome.
Não comi quase nenhuma comida.
Toda a gente está com febre.
Malária faz mal a nossa saúde,
a força, a vida da colônia.
Por mais que malária se espalhe,
com certeza, amanhã é outro dia.
Amanhã de amanhã de amanhã de amanhã...
Não sei quando,
mas um dia, bom dia!
(Ryusuke Tamai, 2º ano)*

Mais um poema que tem o mesmo teor do anterior. Apesar da existência de dificuldades, a esperança, ainda assim, persiste.

*Na terra
Não tem minha família
Não tem minha casa
Não tem minha história
Só tem minha esperança
(Aya Fujiwara, 3º ano)*

Este poema trata de um assunto que é o fruto da imigração: o do conflito e da identidade do nipo-brasileiro, o nikkei. Considerado um dos principais problemas que circula entre a comunidade brasileira no Japão, os descendentes de japoneses têm que lidar com tal crise identidade: no Brasil, são considerados japoneses e no Japão, são brasileiros.

*Pareço que eu sou japonês mas não sou.
Pareço que eu sou brasileiro mas não sou.
Então, quem sou eu? Onde será minha cidade natal?
Mas realmente eu sou tão japonês como brasileiro.
Não é necessário decidir a cidade natal da pessoa.*

*Eu estou orgulhoso de mim mesmo como um japonês-pessoa.
Eu decidi viver com confiança em mim mesmo.
(Natsuki Harada, 3º ano)*

O próximo trabalho mostra o sentimento do imigrante em relação à terra desconhecida.

*a grande terra, grande esperança
Deste porto, começar a vida nova
Deste navio, começar o futuro brilhante
Quanto azul o céu é ?
Quanto fundo o mar é ?
Quanto quente o sol é ?
além disso
podemos ver a vida rica
além disso
podemos ver os sorrisos dos filhos
(Bumpei Imai, 3º ano)*

O próximo, “Canto de Onda”, é um criativo trabalho onde o aluno faz uma paródia do famoso poema de Gonçalves Dias, a *Canção do Exílio*, utilizando elementos simbólicos do Japão nos versos.

Canto de onda

*Minha terra tem cerejeira
Onde gorjeia o mar
O branco-olho* japonês daqui
canta lá?*

*Minha terra tinha mais flores
E quase que mais amores
Minha terra não tem mais ouro
Minha terra não tem mais terra*

*Ouro terra amores e flores
Há tudo lá?
Todos não permitam que eu vacilo
Sem que vá para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra aqui
Sem que veja primavera daqui
(Yasuhiro Ohara, 3º ano)*

** tradução literal do nome do pássaro cujo nome em japonês é “mejiro”.*

O último poema selecionado revela os dois lados do processo imigratório. A ida dos japoneses ao Brasil e o retorno ao Japão dos seus descendentes. Na primeira parte, a ida, o sofrimento, a saudade e o Brasil como local “acolhedor”. Na segunda parte, a vinda dos descendentes daqueles que emigraram e a dúvida sobre o Japão ser acolhedor ou não.

*Foi só o mar que viu durante dois meses
E viu a terra enorme que nunca tinha visto
O suor que estava escorrendo um atrás de outro
Teve a enxada na calejada mão
Café, pinga e saudade do Japão
Não morreram o sonho e a esperança
Pois a terra aí abrangeu ternamente o coração dele*

*Vêm aqui de avião os filhos e filhos de filhos dele
Trabalham na área onde nunca trabalharam
Lutam contra Kanji e Udon
Telefone, Internet e saudade do Brasil
A terra aqui abrange o coração deles ternamente?
(Eiko Yamanaka, 3º ano)*

Todos os trabalhos dos alunos – mesmo aqueles que não foram incluídos neste artigo, formam um *corpus* interessante para refletirmos sobre os diversos significados que o assunto assume em outras esferas sociais.

Abrir espaço e dar vazão às novas interpretações e discussões fará com que as barreiras – sejam elas linguísticas, culturais ou da intolerância, fiquem menos difíceis de transpor.

Notas

¹ Antes dos italianos, pequenos grupos de alemães e poloneses já haviam imigrado para o Brasil no início do século 19. Mas considera-se que os imigrantes oriundos da Itália, Espanha e Portugal como os iniciantes da grande imigração em massa, na segunda metade do século 19.

² Ver BRODY, Betsy. *Opening the door. Immigration, Ethnicity and Globalization in Japan*. New York, London, Routledge, 2002. p. 45.

³ Outros destinos, como as Filipinas e a Manchúria, também foram regiões para onde os japoneses emigraram, mas não obtiveram muito sucesso. Nas Filipinas, muitos japoneses morreram de doenças ou pelas difíceis condições de vida no país. Na Manchúria, a razão do fracasso da corrente emigratória japonesa foi a invasão do país pela Rússia, na época da 2ª guerra Mundial, quando cerca de 200 mil japoneses morreram. In: BRODY, Betsy. Op. Cit. p. 46. (Tradução minha)

⁴ HATTENSHI, Niponjin, t.I, p. 253. Apud DEZEM, Rogério. *Matizes do "Amarelo". A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo, Humanitas / LEI/ FAPESP, 2005. p. 117.

⁵ O objetivo do autor neste livro é refletir sobre o polêmico tema da identidade do nikkei.

⁶ TSUDA, Takeyuki. *Strangers in the Ethnic Homeland. Japanese Brazilian return migration in transnational perspective*. New York, Columbia University Press, 2001. p. 106. (Tradução minha).

⁷ Idem. p.107-8. (Tradução minha).

Bibliografia utilizada

BRODY, Betsy. Opening the door. Immigration, Ethnicity and Globalization in Japan. New York, London, Routledge, 2002.

DEZEM, Rogério. Matizes do “Amarelo”. A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo, Humanitas / LEI/ FAPESP, 2005.

TSUDA, Takeyuki. Strangers in the Ethnic Homeland. Japanese Brazilian return migration in transnational perspective. New York, Columbia University Press, 2001.